

RELATÓRIO FINAL DE ATIVIDADES DO PIVIC – UFG

1. Identificação

Nome do Orientador:	Jordão Horta Nunes
Nome do Aluno:	Morgana Sousa Assunção
Título do projeto do aluno:	O Trabalho e o Estrangeiro: Os Dekasseguis Brasileiros*
Unidade acadêmica:	Faculdade de Ciências Sociais
Instituição:	Universidade Federal de Goiás
E-mail do orientador:	jordao@cienciassociais.ufg.br
E-mail do aluno:	mog.assuncao@gmail.com
Palavras-chave:	Dekasseguis, sociologia do trabalho.

2. Introdução

A Associação Brasileira de Dekasseguis (ABD) define a palavra japonesa dekassegui como “o trabalhador que sai de sua terra natal para trabalhar, mas alimenta o desejo de retornar às suas origens”. São dois os movimentos decasséguis presentes na relação entre o Brasil e o Japão: o primeiro ocorreu com a emigração de japoneses para o Brasil, iniciada em 1908; e o segundo começou na década de 80, quando nipo-brasileiros imigraram para a terra de seus ancestrais buscando fugir da recessão econômica brasileira.

Os descendentes japoneses que vão trabalhar no Japão têm ocupações de baixa qualificação, no setor manufatureiro principalmente, em empresas de pequeno e médio porte que não atraem os trabalhadores japoneses. Segundo a pesquisa feita pelo “Projeto Dekassegui Empreendedor”, realizado pelo SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) em parceria com a ABD, os decasséguis brasileiros veem como maiores dificuldades em trabalhar no Japão: as saudades do Brasil, a língua nipônica, a discriminação e o excesso de trabalho. Enquanto essa última dificuldade está ligada ao objetivo de juntar dinheiro para retornar ao Brasil, as outras três apontam para uma não adaptação ao novo país.

Os decasséguis, ao chegarem ao Japão, deparam-se com uma pauta cultural (SCHUTZ, 1944) diferente da de seu país de origem e passam por um tipo de socialização que muda suas identidades sociais e profissionais (SUZUKI, 2009), dificultando a readaptação ao país de origem. Para Schutz (1944) a “pauta cultural de vida do grupo” designa todos os valores peculiares, instituições, e sistemas de orientação e direção de um grupo social em um dado momento na sua história. Para o estrangeiro, que não participou dessa tradição histórica, essa pauta cultural diferente é uma situação problemática e difícil para dominar.

**revisado pelo orientador*

3. Objetivos

Este trabalho tem por objetivo observar o processo de adaptação dos decasségui ao voltarem para o Brasil e retornarem ao mercado de trabalho no setor de serviços, assim como suas novas formas de percepção acerca do trabalho; além de analisar a identidade social do decasségui em sua família.

4. Metodologia

Levantamento de um referencial teórico em bancos de dados, teses e artigos científicos sobre a migração de brasileiros nipo-descendentes para o Japão e temáticas de trabalho, gênero e identidade; consulta de cadastros relativos a pessoas que migraram para o Japão, retornaram e conseguiram se reinserir no mercado de trabalho brasileiro no setor de serviços; realização de entrevistas (semiestruturadas e algumas em profundidade) com decasségui residentes em Goiânia.

5. Discussão

Schutz (1944) apresenta a situação em que se encontra o estrangeiro, “indivíduo [...] que tenta ser permanentemente aceito ou ao menos tolerado pelo grupo do qual ele se aproxima”, ao tentar interpretar a pauta cultural deste grupo. Como exemplo de estrangeiro, temos o imigrante, e pensando nesta pesquisa, mais especificamente, o decasségui. A partir de um levantamento bibliográfico e do universo de entrevistados, pode-se perceber no movimento decasségui a dificuldade que este tem por não compartilhar da pauta cultural japonesa, assim como a alteração que sua pauta cultural original, de modo que todos que retornam de certa forma, “tem provado o fruto mágico do estranhamento, seja doce ou amargo. Mesmo no meio da imensa saudade de casa, mantém-se o desejo de transplante para a velha pauta, algo dos novos objetivos, dos meios recém-descobertos para realizá-los.” (SCHUTZ, 1945, p. 375).

Eu tive muita dificuldade de comunicação no começo. Sofri muito nessa parte. E assim, eu imaginava que não fosse tanto, como eu me deparei quando eu cheguei. Com o tempo foi maravilhoso. Eu consegui superar todo esse paradigma aí da comunicação, logo eu fui pegando com o Guilherme [filho], que foi meu melhor professor até. Comecei a pegar com ele, né, ele foi me ensinando não só a comunicar, mas também como me comportar nos lugares. Por que aqui [no Brasil] é total liberdade, né. É totalmente diferente de lá [no Japão]. (Isenilda)

O movimento decasségui começou timidamente em 1985 (NAKAGAWA, 2005), chegando ao ápice em 1991 com as novas leis de imigração japonesa, que tornou possível que os japoneses e seus descendentes, até a terceira geração, residentes no exterior, fossem aceitos para trabalhar no Japão. Este passava por uma crise de falta de mão-de-obra para trabalhos árduos, sujos e perigosos – conhecidos pelos japoneses como “3K” (ROSSINI, 2006): *kitanai* (sujo), *kiken* (perigoso) e *kitsui* (penoso); tendo os brasileiros acrescentados mais dois K: *kibishü* (exigente) e *kirai* (detestável). Com a crise econômica no Brasil, muitos brasileiros com ascendência japonesa foram para o Japão buscando, em sua maioria, melhores condições financeiras.

[Fui para o Japão] porque me dava uma perspectiva melhor, e tanto que foi financeiramente falando, eu fiquei dois anos e dois meses no Japão e eu não conseguiria fazer isso em boa parte da minha vida se eu ficasse aqui. (Renato)

Ah financeiro né, a gente tava comprando as coisas pra casar e tal, mas tava assim muito difícil né, aí falei “ah vamo embora pro Japão fazer o pé de meia lá e depois a gente volta né”. Foi só financeiro mesmo. (Clarissa)

Na época foi mais curiosidade, muito novo né, dezessete anos não tinha nem tanta aspiração assim economicamente falando não mais é ilusão de ganhar muito dinheiro. (Akira)

Só porque meu marido estava lá. Somente. (Valquíria)

A maior parte dos decasséguis acabava mudando de área de trabalho, pois no Japão trabalhavam geralmente como operários de pequenas e médias empresas, enquanto suas experiências anteriores no Brasil tinham sido, para citar os entrevistados, motoristas, vendedores, doméstica, recepcionista, auxiliar de escritório, etc. Há também quem tenha tido seu primeiro emprego no Japão, como é o caso de Yvone, que permaneceu lá por três anos e meio, e justifica sua ida ao Japão da seguinte maneira:

A falta de emprego, que a gente terminou o 2º Grau né, aí não tinha experiência nenhuma não conseguiu emprego aqui, aí a porta lá tava aberta, aí a gente foi pra lá.

Segundo a pesquisa realizada pelo SEBRAE com a ABD (2004), 71% dos decasséguis brasileiros no Japão trabalham no ramo de autopeças, em linhas de produção de grandes fábricas de pequeno ou médio porte. Das doze entrevistas realizadas para este trabalho, nove trabalharam nessa área (com exceção apenas de uma pessoa que acompanhou os pais na viagem para o Japão quando criança, mas não trabalhou; outra pessoa que trabalhou em uma empreiteira e uma terceira que trabalhou numa fábrica de seleção de alimentos). O trabalho realizado por eles é rejeitado pelos japoneses e não exige uma qualificação prévia (SUZUKI, 2009), pois não há tecnologia sofisticada nos setores que os decasséguis se encontram. São poucos os decasséguis que conseguem empregos no setor de serviços.

Toda fábrica existe um ou dois japoneses que não quis estudar e tava fazendo aquele serviço que nenhum japonês quer – que no caso nós fazemos, porque nós não temos nenhum estudo né, aí nós precisamos fazer aquele tipo de serviço que japonês não quer. Japonês quer ir para o escritório, né?! (Sérgio)

Geralmente os brasileiros são recrutados ainda no Brasil por agências que fazem a intermediação entre os decasséguis e a empresa em que trabalharão. Chamadas de empreiteiras pelos brasileiros, essas agências cuidam também da documentação necessária, cobram taxas, mas não os preparam com as informações necessárias sobre a vida no Japão. Segundo a pesquisa realizada pelo SEBRAE, os decasséguis chegam ao Japão desconhecendo a legislação trabalhista, as garantias previdenciárias e a realidade do país de modo geral.

Lá [no Japão] eu sentia insegurança, né?! Como você não sabe comunicar direito, você fica assim: “aí meu deus se acontecer alguma coisa aqui como que eu faço”. Porque aqui [no Brasil] a agente se vira né, pergunta aqui... Lá [no Japão] a gente é estrangeiro, a gente não conhece nossos direitos lá. (Clarissa)

Os decasséguis, apesar da ascendência japonesa, sofrem com o preconceito da sociedade local por não falarem a mesma língua e por terem hábitos diferentes (ROSSINI, 2006). Assim como o estrangeiro de Schutz (1944) que é um “homem marginal” que não sabe a qual pauta cultural pertence, os decasséguis são vistos como

brasileiros no Japão e como Japonês no Brasil, devido os traços físicos que revelam a ascendência nipônica. São marginalizados e, como diz Rossini (2006), “autênticos desenraizados”.

O brasileiro é muito discriminado lá. Quando eu estava entrando no shopping, eu escutava no serviço de som dizendo olha, cuidado! Está entrando um casal, ou dois rapazes descendentes. Eles já sabiam quem é que era descendente, porque nós somos... apesar da fisionomia ser de japonês nato, puro, a maneira de vestir é diferente do japonês, a maneira de andar é diferente. Então eles já sabiam. Então, como eu dizia, aquilo ali era uma coisa que me chocou. Eu não esperava aquilo. Mas como eu fui preparado, eu deixei de lado e por isso eu corri atrás do meu objetivo. Já que aqui é assim, eu vou correr atrás do meu objetivo. Para quê que eu vou ficar em um país que fica me discriminando, mesmo eu sendo descendente, né? Eu não me sentia japonês... por que aqui no Brasil eu não sou brasileiro, eu sou japonês. Lá eu não sou japonês, eu sou brasileiro. E sou discriminado lá e tanto aqui também. Então eu fico naquela, né, não sei o quê que eu sou na verdade. Mas patrioticamente falando, eu sou brasileiro. Por exemplo, numa partida de futebol, jogando Brasil e Japão, eu torço é para o Brasil. (Sérgio).

O movimento decasségui tem como uma de suas principais características as idas e vindas ao Japão, movida principalmente pelo objetivo de acumular dinheiro no Japão para ter uma condição financeira melhor no Brasil (SUZUKI, 2010), como podemos observar com a fala da Isenilda:

Tínhamos perdido quase tudo que a gente tinha juntado, tudo pra construir né, o patrimônio. Ai ele voltou primeiro de novo [para o Japão] e depois eu fui novamente. Justamente buscando novamente grana e tudo mais. Só que da segunda vez que voltou as dificuldades dobraram. Por que eu já tinha outro filho, né, já tinha mais a menina. Já tinha dois filhos e eu não deixava os meninos [no Brasil], né. (Isenilda)

Essa pesquisa enfocou a estrutura e o arranjo familiar dos decasséguis. Foram entrevistadas pessoas que foram para o Japão solteira e se casaram lá (como o Sérgio, que se casou com uma decasségui peruana) e pessoas que viajaram para lá casadas, algumas com filhos dependes e não economicamente ativos, até casais que acabaram se separando ao voltar ao Brasil.

Lá [no Japão] os brasileiros iam, chegava lá você encontrava com facilidade, não sei se era assim pela própria carência [...]. Chegava lá, formava um grupo de brasileiros amigos [...] e acabava surgindo, assim, uma paquera. Acabavam namorando e morando junto. Vinham concretizar essa união aqui no Brasil: conhecer a família e tal. (Isenilda)

Como minha mãe e meu pai trabalhavam muito, a gente tinha tempo só a noite pra se ver, mas quando se via já tava dormindo. Tanto pelo cansaço quanto pela falta de tempo, que no outro dia continuava a rotina. E a gente se via nos sábados só a tarde, por que eles trabalhavam meio período no sábado. Então a gente se via um pouco do tempo no sábado e no domingo. Por que lá também não tem férias, tanto pra mim quanto pra eles. [...] A nossa relação nunca mudou não, mas a falta de tempo era grande. Tinha pouco tempo pra gente se ver, fazer as atividades juntos, como pai e filho faz de ir no cinema, ou as vezes de ir passear na casa dos parentes, isso não ocorria lá. [...] Quem sentiu mais foi minha irmã, por ser menor, tudo... Por que na época eu tinha 12, ela tinha 6, 7 anos. Então ela sentia um pouco mais de falta. [...] A minha convivência com ela era tranquila, tudo, só que eu tinha que ter uma responsabilidade maior de tá cuidando dela. Tanto lá na escola, eu tinha que estar olhando também, para ver se ela tá bem e tanto em casa também, apesar que em casa era tudo mais fácil, por que a gente ficava na porta de casa e lá é tudo prático pra fazer. (Guilherme)

Ao tentar se adaptar a vida em outro país, os decasséguis acabam mudando o que era o “pensar habitual” (SCHUTZ, 1944), de modo que a volta ao Brasil exige uma readaptação, inclusive em relação à reinserção no mercado de trabalho. Segundo Sasaki (1999), sendo o Brasil considerado o *homeland* dos decasséguis, muitas vezes a volta (e a readaptação) é considerada mais difícil que a adaptação no Japão. Nas entrevistas exploratórias feitas até o presente momento ficou evidente a dificuldade que os decasséguis têm em retornar às interações pessoais, que são bastante comuns nas ocupações do setor de serviços, depois do longo tempo no Japão trabalhando de maneira impessoal. Isso fica claro na fala de Najla, que ao retornar ao Brasil abriu uma panificadora:

Prefiro trabalhar lá no Japão do que aqui. Aqui você trabalha, você tem que correr atrás, tem que ficar de olho em funcionário, desperdício, esse tipo de coisa, que é coisa que você vê que funcionário não tá nem aí pra nada. Então, assim, eu prefiro lá do que aqui. (Najla).

Esta pesquisa foca nos decasséguis que voltaram ao Brasil e foram trabalhar no setor de serviços, como é o caso dos que abriram pequenos negócios de base familiar com base no capital acumulado no período que trabalharam no Japão.

A gente optou por morar de aluguel e comprar um negócio e hoje a gente mora em cima do negócio, paga aluguel de um só [imóvel] e já usa o apartamento que tem em cima... Hoje, por exemplo, sou dono de comércio então, entre aspas, eu consigo aplicar algumas coisas que eu estudei, eu trabalho mais a cabeça do que os braços. [...] Então é totalmente diferente do que eu fazia lá, me sinto muito realizado; não tem nem comparação de quando trabalhava lá no Japão. (Akira).

Cerca de 50% dos decasséguis com intenção de estabelecerem-se como empresários declaram ter buscado ajuda para instalação de uma empresa, segundo a pesquisa do SEBRAE. Porém entre esses, a maior parte o fez junto a familiares e amigos e não junto a entidades constituídas para este fim. Segundo dados do IBGE de 2008, existem no Brasil cerca de 1.405.685 nikkeis (descendentes de japoneses), sendo estimado que 66.119 destes estejam no Centro-Oeste, ou seja, aproximadamente 4,7% da população de nipo-brasileiros, o que representa 0,7% da população total da região (de 9,5 milhões). No site da ABD (Associação Brasileira de Dekasseguis) há uma lista de entidades parceiras divididas por região. Na região Centro-Oeste há apenas uma entidade, do Mato Grosso do Sul: o CENIC, Centro Nikkei de Integração Cooperação e Desenvolvimento. Em Goiás existe a Associação Nipo Brasileira de Goiás (ANBG), uma associação civil pública que busca “o cultivo e a manutenção das milenares tradições da cultura japonesa e a divulgação e promoção do intercâmbio entre Brasil e o Japão”, segundo seu site oficial. Fundada em 1956, congrega cerca de 500 famílias em todo o estado.

6. Considerações finais

Através das entrevistas, perspectiva técnico-metodológica mais acessível, pode-se concluir que a experiência migratória fez com que os decasséguis, assim como as pessoas que o acompanharam na viagem, como os filhos, trazem novos valores.

Uma experiência que eu tive [no Japão]: quando eu ia numa determinada lanchonete, ia pedir um sanduíche me dizia assim “olha, vai demorar um pouco” e eu dizia “quantos minutos?” e ela dizia “cinco minutos”. Quer dizer, pra eles, cinco minutos vai demorar. Mas não passava os cinco minutos, dentro de dois minutos no máximo, tavam

entregando já. E aquilo eu assimilei: é assim que eles ganham dinheiro [...]. São pequenas coisas que eu achei que poderiam fazer a diferença. (Sérgio)

Quem sempre morou só no Brasil, a maioria deles tem um jeito de ser [...], mas eu acabei, eu acho, pegando a personalidade diferente dos outros, dos meus amigos, por causa de ter morado nos dois países. (Guilherme)

A readaptação do decasségui no Brasil é difícil (SUZUKI, 2010), devido à diferença salarial e a dificuldade de reinserção no mercado de trabalho. É comum a utilização do capital acumulado no Japão ser usado na abertura de pequenos negócios de base familiar, que acabam por interferir no arranjo familiar.

Se você está num país, igual aconteceu com a gente, que a gente trabalha, fica longe um do outro por oito, doze horas por dia, você não tem como discutir financeiramente. [...] Não tem como você falar “Nossa, estou sem dinheiro!”, porque você não encontra a pessoa pra falar isso. A gente encontrava só para dormir. [...] Agora aqui no Brasil não, aqui no Brasil a gente foi chegando, e mesmo tendo a grana no banco pra montar a loja e tudo, a gente viu que essa grana estava indo embora muito rápido... entendeu, para montar o comercio pra ele, e a gente tava gastando muito. [...] Ai houve algumas divergências e tal. (Isenilda)

7. Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE *DEKASSEGUI*. **Dekassegui: empreendedor e cidadão**. Sebrae Nacional; [Curitiba];, 2004. 73p. Kaizô Iwakami Beltrão; Sonoe Sugahara. Coordenadores da pesquisa de campo.

Associação Brasileira de *Dekassegui* (Brasil). Disponível em: <<http://www.abdnet.org.br>> Acesso em: 24 de abril de 2011.

NAKAGAWA, Kyoko Yanagida. **Crianças envolvidas no movimento *dekassegui***. São Paulo, 2001. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) — Pontifícia Universidade Católica.

ROSSINI, R. E. Da intenção de voltar à necessidade de ficar: a presença do Brasil no Japão (1985-2005). In: **Encontro da ABEP**, 2006 – MG. Anais do encontro nacional da ABEP, 2006.

SASAKI, Elisa Massae. Movimento *Dekassegui*: a experiência migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão. In: SALES, Tereza; REIS, Rossana Rocha (orgs.). **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999.

_____, Elisa Massae. *Dekassegui*: trabalhadores migrantes Nipo-Brasileiros no Japão. in: **Textos NEPO**, n. 39. Campinas. NEPO, UNICAMP. 2000.

SCHUTZ, Alfred. The Stranger: An Essay in Social Psychology. **The American Journal of Sociology**, Chicago, v. 49, n. 6, p. 499-507, Mar., 1944.

_____, Alfred. The Homecomer. **The American Journal of Sociology**. Chicago, v. 50, n. 5, p. 369-376, Mar., 1945.

SEBRAE (Brasil). Projeto Dekassegui Empreendedor. Disponível em: <<http://www.dekassegui.sebrae.com.br>> Acesso em: 25 de abril de 2011.

SUZUKI, Lilian. **Identidade no trabalho de estrangeiros**: os *dekasseguis* brasileiros. 2009. Monografia (Licenciatura em Ciências Sociais) – UFG, Goiânia.

_____, Lilian; NUNES, Jordão Horta; GOMIDE, Maria Fernandes. As transformações na divisão sexual do trabalho e os novos arranjos de gênero doméstico. In: III Seminário Nacional de Trabalho e Gênero, 2010. Disponível em <http://www.cienciassociais.ufg.br/strabalhoegenero//uploads/files/244/JORDAO_LILIAN_MARIA.pdf>. Acesso em: 14 de junho de 2011.